



“Homobiblicismo”: abordagens bíblicas pró-homossexuais?

FOR THE BIBLE tells me so. Produção e Direção: Daniel G. Karlake. New York: First Run Features, 2007. 1 DVD.

Rodrigo Follis¹
Felipe Carmo²



Daniel G. Karlake é produtor, diretor e escritor e por seis anos foi premiado pela revista *In The Life* — programa exibido pelo canal PBS e em mais de 120 emissoras. Atualmente, Karlake é reconhecido pelo consagrado documentário intitulado *For The Bible Tells Me So* [Como diz a Bíblia], que lida com questões básicas relativas à Bíblia e à homossexualidade. Ademais, como reconhecimento das questões abordadas no documentário, *For The Bible Tells Me So*, após sua estreia em 2007, também foi alvo de positivas considerações da *Gay and Lesbian Alliance Against Defamation* (GLAAD), organização responsável pela divulgação despreconceituosa acerca dos gays, e da *National Lesbian and Gay Journalist Association*, organização de jornalistas, profissionais da mídia, educadores e estudantes que trabalham dentro da indústria de notícias a fim de nutrir uma cobertura justa de assuntos referentes a transexuais, gays, lésbicas e bissexuais.³

¹ Mestrando em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo. Professor no Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp). Bolsista do CNPq. E-mail: rodrigo.follis@unasp.edu.br

² Bacharelado em Teologia pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp). Revisor na Unasp. E-mail: flps.carmo@gmail.com

³ Para mais informações sobre os honorários do documentário, visitar o site oficial

O documentário *For The Bible Tells Me So* foi amplamente aceito tanto pelo público gay como por outras entidades liberais de apoio aos movimentos GLS e também por diversos grupos evangélicos heterossexuais.⁴ Sandra Hartness (*apud* DOLBEE, 2007), uma das apoiadoras do projeto, por exemplo, se diz impressionada pela ampla receptividade do documentário: “isso nos mostra que existe uma pulsação faminta e expectante neste país por este tipo de conversação.” Entretanto, vale a pena salientar que, embora grande parte dos colaboradores do documentário seja homossexual, para Karslake (*apud* DOLBEE, 2007), a motivação inicial “foi plantada por um de seus produtores executivos, uma avó heterossexual”; o que, segundo Karslake, pode demonstrar, na produção do documentário, uma acentuada diligência da parte heterossexual simpatizante.⁵

Partindo de uma apresentação introdutória, o documentário se demora em algumas questões: (1) pode, porventura, o amor entre duas pessoas do mesmo sexo ser considerado uma “abominação”? (2) Seria o cisma entre o cristianismo e a homossexualidade demasiado largo para ser ultrapassado? (3) Como a Bíblia tem sido utilizada para justificar o preconceito? (3) Seria a homossexualidade um pecado ou uma escolha? Com tal intuito, *For The Bible Tells Me So* pode ser sumarizado em dois pontos principais: (1) questões relacionais; e (2) questões bíblico-exegéticas.

104

Questões relacionais

O primeiro deles — disposto desordenadamente no decorrer do documentário — expõe cinco experiências distintas de famílias, em sua maioria, protestante. A exposição de tais experiências objetiva agregar problemáticas ordinárias (e até mesmo desastrosas) no que diz respeito à aceitação de filhos gays em sua comunidade familiar e religiosa.

Logo de início se percebe, a partir das experiências apresentadas, a

disponível em <http://forthebibletellmeso.org>.

⁴ Como declara Dolbee (2007) em suas considerações acerca da aceitação evangélica heterossexual: “Ele [Karslake] está impressionado com o número de igrejas que conectaram-se à companhia de produção (First Run Features), informando-se quanto a aquisição de cópias do DVD para exibirem em suas igrejas — antes mesmo de estar programado para chegar na cidade.”

⁵ Algumas considerações atuais sobre o documentário de Karslake a partir de um ponto vista crítico da mídia podem ser encontradas no web site da produtora First Run Features na página “Reviews” <http://firstrunfeatures.com>.

dificuldade de algumas famílias cristãs na conciliação do caráter homossexual de seus filhos com as interpretações recorrentes da prática religiosa. Dentre as cinco, a família Poteat (Haw River, Carolina do Norte), parece nutrir uma interpretação mais tradicional dos reclames bíblicos a respeito da homossexualidade, como alega, de forma desconsolada, David Poteat [o pai da família]: “Eu tenho que repetir o que a Bíblia diz, e ela diz que isso é uma abominação.”

Em vista da sinceridade que advogam tais cristãos, segundo Karslake (*apud* DOBLEE, 2007), a grande dificuldade entre os religiosos entrevistados jazia na tentativa de retomar seus princípios bíblicos fundamentais acerca do que acreditavam ser honesto. Para eles, parece existir uma barreira entre o que a Bíblia diz e o que realmente parece correto. Em outras palavras, em virtude da distância entre os conceitos bíblicos e sua cultura vigente, há uma necessidade de “retomar a própria Bíblia a si mesmos [cristãos]” — visto que a mesma não parece corroborar com suas necessidades atuais.

Outro exemplo é a experiência de Mary L. Wallner (Cabot, Arkansas). Mary denominava-se uma “cristã fundamentalista de criação” e demonstrou profunda dificuldade em lidar com a identidade sexual de sua filha, Anna, ao compará-la às suas interpretações bíblicas. Após receber uma correspondência contendo uma declaração homossexual de sua filha, Mary alega tê-la respondido: “Nunca a aceitarei [personalidade gay de Anna]; sinto como uma perda de tempo enorme, além de ser espiritual e moralmente errado [...] Continuarei te amando, mas sempre odiarei isso!” Infelizmente, a partir de 1996, Anna perdeu o contato com a mãe, se correspondendo apenas uma única vez antes de se suicidar.

Grande parte das famílias entrevistadas, ao final de suas experiências, se demonstrava livre do preconceito em virtude das desavenças familiares resultantes da não aceitação. É interessante notar o desenvolvimento de cada questão familiar considerada no documentário. Percebe-se, no decorrer das apresentações, que a verdadeira dificuldade se encontrava mais profundamente enraizada num etnocentrismo ornamentado de cristianismo. Brenda Poteat chega a afirmar: “Eu percebi que estava perturbada acerca de como ela estava fazendo sexo, e não a respeito dela como pessoa.”

Assim, uma das principais propostas de Karslake é de que a religião fundamentalista, ou seja, o protestantismo tradicional americano, tem nutrido desnecessário preconceito contra a homossexualidade. Baseando-se em conceitos impostos por considerações culturais e não necessariamente por interpretações bíblico-exegéticas — o que resultaria em uma gama de crentes ignorantes tendo uma motivação “bíblica” para a homofobia.

Entretanto, ao se considerar o caráter atual conferido ao termo “homofobia”, importantes deferências devem ser apontadas a respeito de sua definição, motivação e expressão. Como alega Elshain (1990, p. 6), se os significados dados ao termo na categoria de fobia fossem tomados ao pé da letra, tal comportamento deveria ser caracterizado por uma “doença obsessiva, exagerada, ilógica e inexplicável de repulsa ao homossexual”. Em outras palavras, uma doença grave, com urgência de tratamento. Atualmente, entretanto, o termo tem sido generalizado pela militância gay a toda espécie de manifestação (política ou ideológica) contra o homossexualismo, conferindo, assim, um caráter preconceituoso a todas elas.⁶

Embora *For The Bible Tells Me So* não se demore com tais minúcias a respeito da diferença entre opiniões ideológicas e o puro preconceito, interessante ênfase é dada às causas reais que regem o comportamento denominado homofóbico. Assim, como propõe o documentário, o desenfreado preconceito alimentado pela massa evangélica seria motivado por suas próprias repulsas culturais (etnocentrismo) e não necessariamente por uma influência bíblica (JENKINS, 2000, p. 553). Considerando-se os aspectos relacionais apresentados no documentário, se demonstra de forma perceptível, que o comportamento preconceituoso não é alimentado pela piedade religiosa, mas por uma dificuldade de aceitação. Como sustenta Wilkison (2004, p. 56), a combinação de diversos fatores pode resultar num comportamento homofóbico; dentre os mais comuns, se pode apontar, por exemplo, o Autoritarismo de direta e não a religião em si.

106

Questões bíblico-exegéticas

A segunda investigação do documentário de Karslake objetiva lidar com questões de caráter bíblico-exegético concernentes à prática e à aceitação da homossexualidade na Bíblia. Considerando o caráter fundamentalista das interpretações dadas pelo evangelicalismo americano, *For The Bible Tells Me So* procura oferecer uma visão mais ampla acerca de alguns textos bíblicos.

⁶ Para Wilkison (2004, p. 57), por exemplo, o termo “homofobia” aplicado às manifestações anti-gay é erroneamente aplicado à própria atitude evangélica acerca de sua ideologia. A posição defensiva dos evangélicos a respeito do homossexualismo é considerada uma tentativa de exclusão de gays da sociedade, quando, na verdade, existe apenas uma preocupação moral objetivando a conversão das massas homossexuais.

Ao lidar com a primeira argumentação bíblica, o documentário inicia com algumas considerações de caráter popular sobre a homossexualidade e as Escrituras. Com efeito, alguns versos são utilizados no decorrer das interpretações — os alvos principais, entretanto, representam Levítico 20:13, Gênesis 19:4–10 e Romanos 1:26–28.

O texto encontrado em Levítico 20:13 é utilizado para se estabelecer o primeiro princípio de interpretação proposto: a Bíblia não pode ser tomada em seu sentido literal. Segundo a opinião dos entrevistados, tomar por literal algumas práticas exigidas na Bíblia demonstra imprudência em virtude da irrelevância de tais costumes à nossa cultura (ver Lv 19:19). Como alega o Arcebispo Desmond Tutu: “A Bíblia é a palavra de Deus através da palavra de seres humanos falando no idioma de seus tempos. A riqueza da Bíblia vem do fato de não a tomarmos tão literalmente como se fosse ditada por Deus.”

Assim, o documentário demonstra que a preocupação com o comportamento homossexual, em primeira instância, não passava de cunho cultural nos relatos veterotestamentários. Os entrevistados relacionam a proibição constataada em Levítico 20:13 com as práticas de idolatria proibidas ao povo hebreu. Neste caso, sempre que o AT faz menção à atividade homossexual alude, imediatamente, às práticas de adoradores masculinos com prostitutos masculinos conferidos pelo templo. A palavra “abominação” denotaria, nesse verso, um “ritual equivocado” e não necessariamente um ato inerentemente imoral.

107

Em primeira instância, vale salientar que o verso encontrado em Levítico 20:13 representa, inequivocadamente, uma proibição contra a prática genital homossexual, como sustentam a maioria esmagadora de eruditos sobre o assunto (ver SPRINGETT, 2007, p. 85; LOVELACE, 1978, p. 87). Não obstante, a única problemática sustentada por teólogos da interpretação pró-homossexual, como asseverada no documentário, visa encontrar a “relevância de tal proibição à cultura vigente” (MALLOY, 1981, p. 191).

Grande atenção é conferida à utilização do verbo hebraico *to'ebah* (“abominação”), no texto de Levítico 20:13, como constantemente relacionado às práticas idólatras. Todavia, vale considerar que o verbo é de maneira semelhante apresentado em contextos de proibições inerentemente imorais, no que diz respeito à “verdade” e à “justiça” (ver Dt 25:16; Pv 8:7; 16:12; 29:27; Jr 6:15). A mera associação de *to'ebah* com a prática idólatra limitaria seu significado e, inclusive, a natureza da proibição associativa entre israelitas e as nações vizinhas. Muito do que representavam as práticas culturais do Antigo Oriente Médio assemelhavam-se com as realizadas pelos próprios israelitas por influência dos mesmos (SPRINGETT, 2007, p. 88). Dessa forma, o princípio de toda proibição associativa objetivava

evitar influências “filosóficas, teológicas ou cosmológicas” nas concepções religiosas israelitas, e não necessariamente à maneira de cultuarem — o que aponta a proibição contra a prática homossexual em si, e não contra a idolatria, por vezes relacionada à prática (LOVELACE, 1978, p. 88–89; SPRINGETT, 2007, p. 88–89).

Mesmo utilizando-se de alguns versos aparentemente desconexos com a cultura vigente e, assim, inutilizando a proibição da homossexualidade, teólogos pró-homossexuais desconsideraram algumas proibições apresentadas entre os capítulos 18–20 de Levítico a proibir atos como, por exemplo, o incesto, o adultério, o sacrifício de crianças, o bestialismo e práticas espiritualistas; poucos, entretanto, aprovariam tais práticas quando usufruídas “com amor”, como alegam em relação às práticas homoafetivas (LOVELACE, 1978, p. 88; SPRINGETT, 2007, p. 86). Embora existam reais dificuldades em se dividir leis de caráter moral e cultural, é consenso entre os eruditos modernos que o material legislativo de Levítico é instruído de significância ética e moral de relevância ao cristianismo moderno (LOVELACE, 1978, p. 88).⁷ Conquanto seja reconhecido que outros fatores estejam relacionados à proibição, não se pode rejeitar a premissa de que não existiriam princípios morais incluídos nos relatos de Levítico 20:13.

108

Subsequentemente, as considerações bíblicas de *For The Bible Tells Me So* apresentam um dos mais controversos textos escriturísticos para análise, a saber, Gênesis 19:4–10: o “caso de Sodoma”. Argumentando contra a crença popular de que Sodoma foi destruída por sua prática homossexual, o Rabbi ortodoxo Steven Greenberg comenta: “A história de Sodoma não é sobre promiscuidade e nem sequer sobre perversidade. Sodoma, segundo os rabinos, é castigada pela sua crueldade e pela sua falta de hospitalidade.” A inospitalidade, motivo da destruição de Sodoma, segundo os entrevistados, correspondia a um mecanismo de defesa contra possíveis abusos estrangeiros; sendo Sodoma uma cidade exuberantemente rica, muitos que ali se hospedavam eram alvos de desconfiança dos cidadãos sodomitas. Assim, o pecado de Ló contra a cidade, e a violência despendida contra sua família, jazia em sua vigente condição de forasteiro: Ló não tinha o direito de

⁷ Encontra-se nos capítulos 18–20 de Levíticos a asserção “Amarás o teu próximo como a ti mesmo” (Lv 19:18), o que conferiria à argumentação pró-homossexual uma proposta contrária ao exclusivismo cultural. Ademais, Snapp (*apud* SPRINGETT, 2007, p. 90), por exemplo, chega a alegar que “desafiar a lei da natureza é transgredir a lei moral”. Para uma boa proposta acerca de “critérios para santidade”, no que diz respeito à abominação e a divisão das leis em Levítico, ver Mary Douglas (2005) *Purity and Danger*.

repcionar visitantes, principalmente de índole desconhecida que, porventura, poderiam trazer dano à cidade. Por semelhante motivo, ao desprezar toda espécie de estrangeiro, Sodoma foi acusada de inospitalidade — nunca, porém, por práticas homossexuais.

Muito do que diz respeito à problemática da inospitalidade é dado à expressão hebraica *Yada* (“conhecer”), encontrada no discurso da população Sodomita em frente à residência de Ló: “Traz-os fora a nós, para que os conheçamos” (Gn 19:5b). Contrariando a interpretação comum, o que consiste no ato sexual através dessa expressão verbal, se atribui a mesma apenas um significado relativo a “humilhar”, “diminuir” ou “castigar” como possíveis punições sexuais cometidas na antiguidade. Os entrevistados não veem necessidade de atribuir à palavra do verso em Gênesis 19:5b o que refletiria uma ação homossexual.

Toda fundamentação teórica relacionada ao problema de Sodoma, como apresentada no documentário, parece complementar antigas opiniões de Derrick S. Bailey, reconhecido como o “sumo sacerdote da interpretação pró-homossexual das Escrituras”.⁸ A leitura supra sugerida por Bailey, acerca da inospitalidade de Sodoma e sua imediata destruição, encontra bases exegeticas em fontes exclusivamente apócrifas (ver Sabedoria 10:8; Eclesiástico 16:8; SPRINGETT, 2007, p. 84). Limitando uma vasta gama de interpretações, Bailey e seus sucessores desconsideram textos relacionados ao caso de Sodoma (ver Jz 19:22–26; 2Pe 2:1–22; Jd 3–23), que implicariam numa análise específica acerca das condições do gravoso pecado libertino praticado pelos sodomitas, e restringem unicamente à inospitalidade o alvo do juízo divino (LOVELACE, 1978, p. 101).⁹ Com efeito, o problema resultante da remodelação do pecado de Sodoma — e, conseqüentemente, do verbo *Yada* — em Gênesis 19:5b, parece sugerir uma séria objeção à “justiça divina”. O castigo de Deus contra as cidades, quando limitado à falta de hospitalidade, resultaria num ato de crueldade indefinida e inescrupulosa falta de piedade nos atos de juízo contra o pecado de Sodoma (SPRINGETT, 2007, p. 83).

De fato, as considerações do documentário acertam em enfatizar a falta de prudência ao interpretar o caso de Sodoma como relativo unicamente à

⁸ Para um estudo mais profundo dos primeiros argumentos bíblicos pró-homossexuais de Bailey (1955), ver seu livro *Homosexuality and the Western Christian Tradition*. Para maiores informações acerca da influência de Bailey entre os eruditos pró-homossexuais ver Malloy (1981, p. 186–191) *Homosexuality and the Christian way of Life*.

⁹ Sodoma e Gomorra são amiúde apresentadas pelos profetas como símbolo de decadência social (ver Is 1:9; 13:19; Jr 49:18; 50:40; Am 4:11).

homossexualidade. É consabido, tanto por exegetas tradicionais, como por adeptos de ao pensamento de Bailey e por teólogos pró-homossexuais, que o problema apresentado em Gênesis 19:5b não pode ser restringido ao comportamento homoafetivo. Recentemente, intérpretes confirmam que o pecado específico contido nesse relato está mais relacionado ao “estupro homossexual” ou a “violência sexual” e não contra o ato em si (LOVELACE, 1978, p. 101; SPRINGETT, 2007, p. 84; MALLOY, 1981, p. 190–191). Por outro lado, portanto, atribuir à problemática unicamente o juízo contra inospitalidade se demonstra tão errôneo como atribuir à mesma o juízo contra o homossexualismo.

É nesse íterim de argumentações que, pela primeira vez, se apresenta no documentário uma opinião contrária àquelas defendidas pela maioria dos entrevistados.¹⁰ A opinião do Dr. Richard J. Mouw é expressa ao alegar que “Sodoma e Gomorra foram destruídas por causa da homossexualidade”. Poucas explicações são conferidas ao teólogo; porém, a partir de sua opinião é introduzido um novo texto para análise. Seguindo a problemática anterior, se iniciam, através de Mouw, as considerações interpretativas a respeito de Romanos 1:26–28.

Destarte, as palavras-chaves “natural” e “antinatural” são relacionadas, no documentário, a um sentido de “costumeiro” e “não-costumeiro” no contexto judaico. Como vimos, para os entrevistados, a prática homossexual era amiúde relacionada à idolatria e, conseqüentemente, estranha a Paulo.

Os versos encontrados em Romanos 1:26–28 são categoricamente interpretados, por uma maioria de estudiosos, como proibições declaradas contra o ato genital homossexual — porém, dessa vez, de forma mais clara por especificar homens e mulheres em suas relações “antinaturais” (MALLOY, 1981, p. 195). O argumento sustentado pelo documentário encontra sérias dificuldades quando em confronto com à utilização das palavras “natural” (*kata physin*) e “antinatural” (*para physin*) no contexto helenístico da época paulina. Não há dúvidas de que tais termos fossem de uso comum no grego, sendo, por vezes, empregados como expressões de julgamento ético acerca da homossexualidade: filósofos como Platão, Diodoro Sículo, Musônio Rufo e Plutarco (sem contar historiadores judeus de influências helenísticas como Josefo),

¹⁰ Karlslake (*apud* DOLBEE, 2007) explica a falta de opiniões contrárias ao alegar que incluiria mais oposição aos pontos teológicos apresentados se, porventura, alguns dos diversos evangélicos convidados a participar não estivessem relutantes a fazê-lo.

utilizavam-se das mesmas expressões *kata physin* e *para physin* a fim de descrever a prática homossexual como contrária à natureza humana (SPRINGETT, 2007, p. 169–170). Ademais, através do uso de tais termos, é provável que Paulo estivesse empregando expressões familiares aos moralistas populares de seu tempo a fim de classificar a homossexualidade entre os vícios errôneos no mundo moral greco-romano — expandindo, assim, inclusive, o entendimento acerca do que a sociedade filosófica consentia sobre o assunto (MALLOY, 1981, p. 195).


No que diz respeito às considerações sustentadas em questões bíblico-exegéticas pró-homossexuais, se encontra o que Busenitz (2008, p. 207) considera como o “plano dos homossexuais para conquistar as tensões na América”, principalmente entre os evangélicos. A investigação bíblica pró-homossexual objetivaria “escavar as Escrituras e corroê-la”, a fim de minimizar sua autoridade e influência entre seus adeptos. Nesse caso, reduzindo as considerações bíblicas à cultura de seu tempo, intérpretes da teologia liberal gay tendem à exclusão de algumas perspectivas escriturísticas sustentando o que denominam o princípio de toda teologia: o “amor ao próximo”. Dr. Laurence C. Keene confiadamente conclui as questões bíblico-exegéticas do documentário alegando: “Minha crença teológica é que todas as relações amorosas são honradas por Deus.” Como já afirmara Busenitz (2008, p. 209), em nome da tolerância, adeptos da teologia pró-homossexual tendem a se desviar da “Palavra de Deus” realçando apenas o endosso aos “bons costumes” das Escrituras; sustentando não existir elucidacões concretas sobre relacionamentos homossexuais ou heterossexuais na Bíblia. Assim, os aspectos da santidade e da justiça divina são substituídos pelo “motivo por trás deles”. Como diz Jimmy Creech: “as poucas referências que saíram da Bíblia para serem usadas em ensinios religiosos para condenar a homossexualidade são muito inapropriadas.” Assim, o “amor ao próximo”, desvirtuado da Bíblia, passa a dar engodo às práticas ilícitas por ser interpretado erroneamente (BUSENITZ, 2008, p. 208–209).

Considerações finais

O documentário de Daniel G. Karlslake, *For The Bible Tells Me So*, apresenta uma visão madura no que diz respeito ao preconceito, comportamento no qual não podem existir argumentos a favor. De fato, tal

manifestação por parte de alguns evangélicos tem extrapolado seus próprios valores de maneira que a luta mais justa resumir-se-ia num ataque contra a homofobia nutrida por preconceituosas interpretações da Bíblia e não necessariamente contra a prática homossexual.

Com efeito, as considerações de Weigaertner (*apud* FERNANDES, 2011), a respeito do relacionamento entre cristãos e homossexuais, se fazem plausíveis e dignas de reflexão a ambos os lados de opiniões: “A ação concentrada em prol de garantias diferenciadas para os homossexuais, às vezes, dá a impressão de querer impor sua visão à sociedade. Uma coisa é garantir respeito e igualdade de direitos a todas as minorias; bem outra é o intento de impor juízos de valor [...]” Atacando a raiz da dificuldade, porém, não rejeitando a crítica contra a prática genital homossexual, Weigaertner conclui: “O cristão não condena a prática do homossexualismo por se considerar moralmente superior ou por ser este um ‘pecado maior’, pois bem sabe que o orgulho que afeta todo ser humano detém essa posição.”

Em suma, embora o documentário não conceda uma reflexão muito abrangente acerca do que a Bíblia diz sobre a homossexualidade, convida o ouvinte a uma profunda e sincera consideração dos reclames bíblicos acerca do assunto. Com efeito, ao assistir *For The Bible Tells Me So*, muitos terão a oportunidade de se situar ao lado oposto do comportamento que, segundo a crença bíblica, condenará cada praticante: o irracional e indefinido preconceito. 

112

Referências Bibliográficas

BAILEY, D. S. **Homosexuality and the western christian tradition**. London: Green & Co., 1955.

BUSENITZ, I. A. Marriage and Homosexuality: Toward a Biblical Understanding. **Master’s Seminary Journal**, v. 19, n. 2, 2008.

DOLBEE, S. Documentary delves into emotional religious issues surrounding Gays. **Signon Sandiego**, 22 de setembro, 2007. Disponível em: <<http://legacy.signonsandiego.com/news/features/20070922-9999-lz1c22bible.html>>. Acesso em: 26 de maio, 2011.

DOUGLAS, M. **Purity and danger**. New York: Routledge, 2005.

ELSHTAIN, J. B. The uses of homophobia. **First Things**, n. 7, nov., 1990.

FERNANDES, C. Preocupação com o futuro. **Cristianismo Hoje**, 2011. Disponível em: <<http://cristianismohoje.com.br/interna.php?subcanal=38>>. Acesso em: 20 de maio, 2011.

JENKINS, W. Ethnohomophobia? **Anglican Theological Review**, v. 82, n. 3, primavera, 2000.

LOVELACE, R. F. **Homosexuality and the church**. Old Tappan: Fleming H. Kevell Company, 1978.

MALLOY, E. A. **Homosexuality and the christian way of life**. Washington: University Press of America, 1981.

SPRINGETT, R. M. **O limite do prazer: O que a bíblia diz sobre a identidade sexual**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2007.

WILKINSON, W. W. Religiosity, Authoritarianism, and Homophobia: A Multidimensional Approach. **The International Journal for the Psychology of Religion**, v. 14, 2004.

113

Enviado dia 16/09/2011

Aceito dia 20/10/2011

